

Simulacros do feminino: gênero, ideologia e cultura de consumo no seriado *Mulher*

Antonio Teixeira de Barros*

FLAUSINO, Márcia Coelho. *A construção do feminino: representações do feminino no seriado Mulher (1998-99)*. Brasília: UnB/Instituto de Ciências Humanas/Departamento de História, 2001. Tese de Doutorado.

A questão feminina é o tema central da tese em referência, com base na análise do seriado *Mulher*, exibido pela TV Globo de 1998 a 1999. A análise foi realizada, como define a própria autora, “no solo da história do tempo presente”, dentro da linha de pesquisa Discurso, Imaginário e Cotidianodo, do Programa de Doutorado em História da Universidade de Brasília. Entretanto, em muito contribui para o estudo e a compreensão de aspectos específicos da Comunicação, sobretudo a forma de construção de discursos e representações femininas sob a ótica da teledramaturgia brasileira.

A ferramenta metodológica principal é a análise de discurso, mas o trabalho apresenta um amplo escopo teórico que reúne estudos da área de gênero, ideologia, cultura pós-moderna, representações sociais, psicanálise, teoria crítica e estudos feministas. Trata-se, pois, de um estudo interdisciplinar que pode ser situado no contexto das chamadas transversalidades contemporâneas, pois articula e intertextualiza diversos campos de saber, de forma crítica, criativa e instigante.

Cabe destacar alguns aspectos do amplo leque analítico que compõe o corpo do trabalho. O primeiro diz respeito à construção da problemática pelo seriado, ou seja, a unificação da perspectiva, exigência inexorável da lógica de mercado, resultado da adoção de estratégias de consumo por parte dos produtores, a fim de tentar atingir mulheres de todos os segmentos sociais. Essa simplificação e unificação se reflete até mesmo no nome singularizado do seriado: *Mulher*, reflexo do que a autora acredita ser fruto de mecanismos voltados para atender a demandas predeterminadas do público, de acordo com um repertório presumido. Daí a razão do espectro unificador do feminino, mesmo com a utilização de diferentes tipos, em uma pretensa mostra de pluralidade de mulheres, mas sempre de forma que todos esses tipos possam ser “condensados” em um modelo único e em uma visão homogênea, estabelecendo uma identidade que, embora coletiva, “caminhou para um espectro unificador do feminino”, desvalorizando papéis “cada vez mais diversificados que as mulheres exercem no espaço social”, mantendo-as em suas funções de “gênero biologicamente definidas” (p.138).

O entrecruzamento de discursos é outro ponto central da tese. Destaca-se, nesse aspecto, a análise que a autora apresenta em relação à memória discursiva e o interdiscurso, ao fazer paralelos com o seriado *Malu Mulher* e com outros exemplos de diferentes épocas da teledramaturgia brasileira. Essa perspectiva é apontada como estratégia de “domesticação do público”, pois ao recorrer a elementos que estão latentes na memória da audiência, a TV, como instrumento principal da indústria cultural no Brasil, constrói uma teia de sentidos que se entrecruzam e ao mesmo tempo reiteram e reforçam as próprias concepções para atender ao imaginário e ao cotidiano dos receptores com pequenas adaptações, de acordo com os fatores contextuais, circunstanciais ou conjunturais, quase sempre de forma casuística.

Outro elemento que merece destaque é a análise do que a autora denomina os “silêncios” ou mecanismos de “apagamento de sentidos”, dissecando como a TV se apropria de outros discursos e os apresenta como “voz sem dono” ou “voz de todos”, transformando e ressemantizando esses discursos, às vezes até mesmo apresentando-os sob conotações que beiram a banalização ou o senso comum. Um exemplo disso é o discurso feminista que foi “domesticado” pela TV, no caso do

seriado *Mulher*, no episódio em que a personagem Tetê resolve ter o filho de uma gravidez não planejada, mesmo sem o apoio da família e do namorado. Em nenhum momento, no contexto do programa, se faz referência ao termo “mãe solteira”. Como explica Flausino, “a produção independente tira-lhe esse caráter, o preconceito some, não se discute”. É como se “gerar filhos sozinha fosse opção corriqueira, direito adquirido, posicionamento irrefutável” (p.94). É nessa ordem de idéias que a autora insere a questão do silêncio e do apagamento de sentidos, ao afirmar que:

“o que foi dito pelas feministas sobre ter e criar filhos sem a participação afetiva e econômica de um homem, que é necessário na concepção da criança, apaga-se e passa a fazer parte do senso comum. Em dado momento, as falas feministas sofrem o apagamento da memória, entram no anonimato. Constam do discurso midiático, voz sem dono – a voz de todos nós” (p. 94).

O arquétipo da grande mãe e da maternidade é outro elemento central na pesquisa. Trata-se de uma visão que tem como fundamento a imagem feminina universal, que “representa a mulher como eterno ventre e eterna provedora”. Em sua versão positiva, o arquétipo refere-se à imagem do útero materno como fonte de vida, nutrição, aconchego, proteção e aceitação incondicional, conforme explica Jung. Mas há o lado negativo: a mãe terrível, que sufoca, prende e torna o filho dependente e incapaz de agir sozinho e tomar suas próprias decisões. Os dois elementos estão presentes nas diversas tramas dos episódios de *Mulher*, como analisa Flausino, sobretudo nos conflitos do enredo, no seio do consultório ginecológico em que os episódios são ambientados. Às vezes, explica a autora, a própria clínica, ou seja, o cenário em si, é representado como sendo um “grande útero”, que abriga as mulheres e “as faz assumir seus devidos papéis” (p.87), ao mesmo tempo que torna os homens capazes de se libertarem da mãe terrível. É o caso do personagem Nando, que diante da filha recém-nascida, rompe com a mãe dominadora e prepotente, mesmo diante da ameaça de ficar sem sua mesada, e decide assumir a filha e a namorada (esposa) Tetê.

A questão dos distúrbios e disfunções sexuais é outra tônica da análise que destaca a frigidez, demonstrando, a partir da trama de um episódio sobre o problema, todas as artimanhas da dominação masculina para atribuir à mulher a culpa de não sentir prazer. A própria terminologia utilizada pela medicina segue as regras da dominação machista: “frigidez”, sugerindo, assim que o estado “frígido” é um problema dela, da mesma forma que os gregos atribuíam ao corpo masculino a propriedade do calor e ao corpo feminino o frio, como analisa Richard Sennett em seu livro *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*.

Muitos outros aspectos poderiam ser comentados, mas para resumir e concluir, seguindo a trilha do raciocínio desenvolvido na tese, não é só a frigidez que é atribuída como se fosse problema